

TRADUZIR A ORALIDADE EM "ONE CHRISTMAS EVE", DE LANGSTON HUGHES

Isadora Moreira Fortunato^{1*}, Carolina Geaquinto Paganine²

1. Estudante de IC do Instituto de Letras da UFF
2. GCL-UFF - Departamento de Ciências da Linguagem/ Orientadora

Resumo:

O presente trabalho propõe uma tradução comentada do conto "One Christmas Eve" (1934), de Langston Hughes (1902-1967). No processo de tradução, discutem-se teorias da sociolinguística variacionista na análise do *African American Vernacular English* e da variedade popular do português brasileiro e teorias da tradução de marcas de oralidade (Bandia, 2012; Rosa, 2015). Discutem-se também temáticas de negritude, desigualdade social e influência de teores marxistas/anarquistas nos sistemas culturais americano e brasileiro através da comparação entre a abordagem que Langston Hughes e Lima Barreto fazem destes temas em suas escritas. Com isto, busca-se investigar a representação de variedades linguísticas e das temáticas mencionadas nos sistemas literários fonte e alvo. Pretende-se também explorar soluções tradutórias entre estas variedades, que estão ligadas à representação de grupos de fala no texto escrito, mostrando que elas são legítimas, sistemáticas e que transmitem identidade.

Palavras-chave: tradução comentada; estudos da tradução; sociolinguística variacionista.

Apoio financeiro: CNPQ

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação/UFF.

Introdução:

Esta pesquisa apresenta uma tradução comentada do conto "One Christmas Eve", de Langston Hughes, conto presente na obra *The Ways of White Folks*, de 1934. O embasamento teórico para a tradução e comentários considera marcas de oralidade, de estilo, estratégias de tradução de prosa (Britto, 2012) e o *African American Vernacular English* (Labov, 1972). Além disso, discorre-se sobre elementos contextuais como: o movimento cultural conhecido como *Harlem Renaissance*, no qual Hughes estava inserido, suas influências para a produção da obra e as características estilísticas do conto propriamente dito.

O conto aborda, entre outros fatores, a segregação racial no sul dos Estados Unidos, em face da vulnerabilidade econômica e social. Este fator permite entrever uma lógica capitalista e racista que exclui e afasta a população negra e pobre de condições de vida melhores. Neste conto, Langston Hughes traz esses indivíduos da margem para o centro de sua narrativa não somente através do tema, mas também através da representação linguística. Eles se expressam em sua variedade linguística, o *African American Vernacular English* (AAVE), e esta estratégia literária de marcar a oralidade revela a expressão de identidade racial do autor e de seu grupo étnico e linguístico de minoria na sociedade americana.

Este conto, assim como a obra no todo, ainda não possui tradução para o português brasileiro. Portanto, esta pesquisa promove uma tentativa de tradução desta narrativa a fim de inseri-la no contexto-alvo, além de tentar inserir e propor maior reflexão crítica acerca da temática da negritude nos Estados Unidos e no Brasil, com a comparação entre a literatura de Langston Hughes e a de Lima Barreto, um dos autores representativos na discussão acerca da negritude no Brasil no início do século XX.

Como as marcas de oralidade dos personagens no conto estão relacionadas a um projeto de expressão de identidade, este aspecto é considerado um dos mais importantes na tradução. Segundo Alexandra Assis Rosa (2015), as marcas de oralidade inserem uma comunidade de falantes no texto escrito, recriando-a. Tais falantes são representados através de uma variedade estigmatizada na sociedade ou fazem parte de minorias. Portanto, o objetivo de discorrer sobre e buscar soluções tradutórias para o AAVE na tradução para o português brasileiro está relacionado a focalizar o grupo de fala no texto-alvo, porém sob a variedade popular brasileira.

Metodologia:

Nesta pesquisa foram realizadas leituras e discussões entre a estudante e a orientadora sobre teorias de tradução que tratam de marcas da oralidade: Rosa (2015), Bandia (2012), Costa (2012); de variação linguística e *African American Vernacular English*: Bagno (2007), Labov (1972), Lucchesi (2009, 2012); sobre Langston Hughes: Tidwell e Hagar (2007); Bloom (2002); sobre Lima Barreto: Bosi (2010), Romão-Murari (2001), Freyre (1981); e sobre contextos literários e culturais brasileiro e americano: High (1997), Ruland and Bradbury (1991), Freyre (1981). As leituras e discussões eram feitas e discutidas ao passo que a tradução do conto era realizada e revisada em conjunto, sempre buscando estabelecer um paralelo e uma análise crítica

entre as línguas e os contextos do texto original e do texto traduzido.

Resultados e Discussão:

O autor, James Mercer Langston Hughes (1902-1967), nasceu em Joplin, no estado do Missouri. Na época em que viveu em Nova Iorque, passou a fazer parte do movimento cultural conhecido como *Harlem Renaissance* (1917-1935). Nas décadas de 1920 e 1930, obteve reconhecimento em relação à sua poesia (um exemplo seria a crítica na revista *Crisis* no início da década de 1920) e ganhou competições literárias (revista *Opportunity*, em 1925), o que atraiu maior atenção do público para o seu trabalho. Obteve uma bolsa de estudos para ingressar na Lincoln University (1925) e apoio para publicar seu primeiro livro de poemas que recebeu atenção do público-leitor, *The Weary Blues* (1926). A publicação desta obra e das obras poéticas posteriores ajudou a estabelecer o reconhecimento do autor no sistema literário americano e, mais tarde, estrangeiro.

Na década de 1930, quando publicou *The Ways of White Folks*, Hughes estava em uma fase em que sua expressão política era mais direta e confrontadora. Esta obra foi publicada em um contexto de radicalismo e dificuldade econômica nos Estados Unidos, pois o país ainda se recuperava dos efeitos da Grande Depressão. Em um período de desesperança generalizado, as condições de desemprego e pobreza geraram no ideário artístico uma literatura de cunho marxista, prolétário e de protesto (Ruland e Bradbury, 1991, p. 319-336). Houve uma predominância de associações comunistas no país e o ideário corrente estava associado a uma tentativa de responder aos tempos de depressão econômica, ligando-os à influência considerada danosa do capitalismo desenfreado. A escrita literária de Langston Hughes nesta época refletia os tempos de radicalismo e a concepção de que este sistema econômico não era capaz de oferecer apoio às famílias afro-americanas (N. Williams and M. Williams, 2007, p. 116).

Pode-se perceber, portanto, que o autor se posicionava nas discussões políticas e raciais no seu tempo, inclusive produzindo textos que discutiam as questões correntes em sua sociedade. Também vale destacar que sua produção literária possuía influência do cânone, mas não se subordinava a ele, aspecto relacionado à arte moderna, uma arte que propunha quebrar com os padrões tradicionais, mas que também aprendia o que era considerado padrão para poder romper com ele. Além disso, uma característica específica da produção literária de Langston Hughes seria a de que ele tinha como princípio artístico trazer o popular e o vernáculo para as suas obras, figurando nelas os tipos humanos residentes na cidade (Donald, 1996, s.p), o jazz, o blues e o *African American English*.

O movimento artístico-literário conhecido como *Harlem Renaissance* (1917-1935) floresceu no bairro do Harlem, situado em Nova York, e em outras áreas dos Estados Unidos (Daneman, 2015), sendo este bairro também o centro difusor de toda a produção artística da comunidade afro-americana do período para outras áreas como a França e o Caribe. O trabalho de Hughes, por exemplo, chegou ao acesso dos escritores francófonos que tratavam da diáspora africana como Léopold Sédar Senghor, Paulette Nardal e Etienne Léro (Tidwell e Ragar, 2007, p. 7).

Na época de seu surgimento, o movimento ficou conhecido como *New Negro Movement* (Novo Movimento Negro) ou *Negro Renaissance* (Renascença Negra), mas como a palavra *negro* caiu em desuso, o termo *Harlem Renaissance* ganhou força. A proposta era a de estabelecer a identidade e orgulho raciais e oferecer uma nova visão sobre a cultura afro-americana, uma visão que fosse para além dos estereótipos raciais até então vigentes na cultura geral. Outro objetivo seria a de produzir obras artísticas e estudos de afro-americanos, inserindo-os na cultura geral, até então dominada por artistas, literatos e pensadores brancos. A tendência que o movimento intentava oferecer era a de expressar a representação do afro-americano através de sua produção artística e cultural.

O Harlem possuiu destaque devido ao fato de ter sido um lugar que atraiu artistas e pensadores que, por sua vez, promoveram florescimento cultural e contato entre culturas. Além disso, Nova Iorque em si permitia maiores possibilidades de inovações e do surgimento de novas formas de expressão cultural e artística, sendo uma cidade multicultural, que recebia pessoas de vários cantos do país e do mundo e, portanto, não tendo um centro cultural que remetesse a um único grupo ou uma cultura específica que fornecesse identidade,

A produção literária da *Harlem Renaissance* apresenta o *African American Vernacular English* com o intuito de promover um senso de identidade por parte do artista, que expressa e determina a sua existência como indivíduo através de elementos constitutivos de seu grupo, e entre ele e seu público, pois ambos compartilham das experiências e da linguagem expressa no texto literário.

Em relação à tradução de "One Christmas Eve", este conto apresenta marcas de oralidade representadas pelo uso do *African American Vernacular English* (AAVE) e também pelo uso de um inglês falado, informal, não padrão. O conceito de oralidade abordado nos comentários acerca da tradução segue o estabelecido por Alexandra Assis Rosa (2015, p. 209). A oralidade, segundo ela, seria uma recriação da linguagem falada no texto escrito. Esta recriação específica de como um personagem fala em algumas vezes denota a falta de prestígio que determinados modos de fala possuem em um grupo social.

A opção escolhida para traduzir uma variedade linguística específica de um grupo racial foi a variedade popular do português brasileiro (Lucchesi, 2009, 2012). O primeiro motivo para tal escolha é a semelhança que ambas as variedades (o AAVE e esta última) apresentam. No que diz respeito ao *African American Vernacular English* (AAVE), pode-se dizer que, através de uma aquisição defectiva (Lucchesi, 2009, 2012) da língua do colonizador, esta variedade, surgida entre os africanos escravizados e passada a seus descendentes,

carregaria influências das línguas maternas de origem africana, o que explicaria algumas das características que o AAVE apresenta. Esta variedade linguística possui uma gramática e vocabulário próprios, sendo, portanto, uma dentre outras existentes no inglês americano. Já em relação ao português popular brasileiro, Lucchesi (2009, 2012) afirma que esta variedade também se desenvolveu a partir da aquisição defectiva do português pelos indígenas e africanos trazidos ao Brasil para serem escravizados. Ela surge a partir do que Lucchesi define como Transmissão Linguística Irregular (TLI), que seria uma transmissão não formal e defectiva do português a estes povos escravizados pelo colonizador europeu. Além disso, surge também do contato entre línguas, ou seja, quando há a utilização por parte destes povos de mecanismos das gramáticas de suas próprias línguas para tornar possível a aquisição da nova língua (o português). É possível notar que ambas as variedades, da língua-fonte e da língua-alvo, guardam semelhanças sócio-históricas.

Além das semelhanças acerca das origens destas variedades linguísticas, os juízos de valor que remetem à incorreção e desvio são atribuídos às duas. Falar corretamente, em ambos os contextos (do texto-fonte e alvo), está relacionado ao falar que é considerado padrão, que, por sua vez, é um modelo de fala associado às elites. Esta é a valoração linguística determinada, logo, qualquer outro modo de falar significa um desvio que é julgado à base de preconceito linguístico e social, o que gera e fomenta uma hierarquia social.

Estabeleceu-se que o aspecto mais característico do texto-fonte e que deveria ser representado na tradução seria o *African American Vernacular English* devido à proposta de representação racial através da oralidade no texto literário. A literatura de Hughes representa sua comunidade de fala, sendo este fator também uma das propostas artísticas da *Harlem Renaissance*. Na tradução de "One Christmas Eve", partiu-se do princípio de que a oralidade em um texto seria a linguagem falada incorporada a um texto ficcional escrito, veiculando uma determinada imagem (através da língua) de um grupo linguístico e veiculando a posição que este grupo ocupa na sociedade e, possivelmente, sua formação histórica. Os elementos da língua falada, ainda que reconhecidamente recriados no texto literário, focalizam socialmente uma comunidade de fala, ao passo que exibem traços linguísticos específicos, criando a visão de alteridade em determinado texto ficcional e a afirmação de um grupo linguístico e social no mesmo (Bandia, 2012; Rosa, 2015).

Conclusões:

Considera-se a dinâmica mundial atual uma na qual todos os povos têm acesso e revelam modos comuns de vivência. Justificou-se este processo pelo imperialismo americano, que impôs tais modos de vida aos territórios com os quais travou contato. Nesta interconexão a nível global, a literatura de minorias é um elemento que o imperialismo não trouxe. Ele permite um primeiro contato, mas não promove sua divulgação, veja-se o acesso que existe a séries de TV, mídia e entretenimento americanos, mas pouca menção a este tipo de literatura social, combativa, que traz à luz uma reflexão social, linguística e crítica acerca da diversidade e acerca de elementos constituintes de um agrupamento de indivíduos que se ligam por uma mesma identidade.

Traduzir, neste sentido, não se refere apenas a passar palavras de uma língua a outra, mas se refere também a traduzir cultura, ideologia, lugares de fala de modo a encontrar pontos de aproximação e de distanciamento. Traduzir uma variedade linguística recriada no texto literário e que não é prestigiada, que recebe todo tipo de avaliação social, significa traduzir vozes, traduzir identidade e outras formas de existir no mundo e de pensar este mundo.

A intenção primeira deste trabalho seria lançar luz a esta literatura e, através disto, ensejar reflexões e proposições tradutórias ou de criação literária que também abordem tais aspectos. Com isto, busca-se também propor uma análise sobre variedades estigmatizadas e oferecer a possibilidade de aquisição de uma postura mais crítica e mais aberta à diversidade linguística existente nas sociedades.

Referências bibliográficas

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. 3ª Ed. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção a obra prima de cada autor; 162).

BLOOM, Harold (org). *Langston Hughes*. New York: Infobase Publishing, 2002.

BRITTO, Paulo Henriques. *A Tradução Literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COSTA, Walter Carlos. Traducción literaria, variedad e idiolecto. Belo Horizonte, *Aletria*, v. 22, n. 1, p. 83-89 (2012).

DANEMAN, Matthew. Harlem Renaissance ushered in new era of black pride. USA Today. 3 fev 2015. Disponível em: <http://www.usatoday.com/story/news/2015/02/03/black-history-harlem-renaissance/22825245/>. Acesso em: 28 ago 2017.

EZGETA, Marijaz. Internal Grammatical Conditioning in African-American Vernacular English. *Maribor International Review*. Maribor: v. 5, n. 1, p. 9-26 (2012). Disponível em: <http://events.ff.uni-mb.si/mir/files/2012/EzgetaGrammar.pdf>. Acesso em: 06nov2017.

HUGHES, Langston. One Christmas Eve. In:_____. *The ways of white folks*. New York: Vintage Books - Random House Inc., 1990, s.p. (Vintage Classics Edition).

LABOV, William. The logic of non-standard English. In:_____. *Language in the inner city: studies in the Black English vernacular*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 1972. p. 201-240.

LUCCHESI, Dante. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 249-274. ISBN 978-85-232-1230-8. Available from SciELO Books .

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org). *O Português afrobrasileiro*. Salvador: EDFUBA, 2009, p. 31-32.

ROSA, Alexandra Assis. Translating Place: Linguistic Variation in Translation. *Word and Text: A Journal of Literary Studies and Linguistics*. Vol. II, Issue 2, December / 2012. p. 75-97.

RULAND, Richard; BRADBURY, Malcolm. *From Puritanism to Postmodernism: a history of American literature*. New York: Penguin Books USA Inc, 1991. P. 319-336.

TIDWELL, John Edgar; RAGAR, Cheryl R. (Org.) *Montage of a Dream: The Art and Life of Langston Hughes*. Columbia, Missouri: The University of Missouri Press, 2007.

WILLIAMS, Regenia N.; WILLIAMS, Carmaletta M. Mother to Son: The Letters from Carrie Hughes Clark to Langston Hughes, 1928-1938. In: TIDWELL, John Edgar; RAGAR, Cheryl R. (Org.). *Montage of a dream: the art and life of Langston Hughes*. Columbia: The University of Missouri Press, 2007. p. 106-126.